



Bolsa, ou Praça do Commercio de Paris

O escriptor da breve noticia que vae lèr-se teve a satisfação de vêr e admirar o bello e magestoso edificio, do qual a nossa estampa apresenta a imponente perspectiva. Por inspecção ocular pôde, pois, afiançar a exactidão da gravura, e dar testemunho de que não ha nella um vislumbre sequer de phantasia, senão a mais completa realidade.

Setenta columnas de ordem corinthia, de cinco pés de diametro, e separadas por espaços de doze pés, sustentam o architrave e um attico, formando uma galeria coberta, assás espaçosa, que segue o contorno de todo o monumento. Uma bella escadaria occupa toda a largura da frontaria occidental, e conduz á galeria já mencionada, e á entrada principal. A grande sala, allumiada pela cupola, patente ao publico, occupa o meio do palacio, no interior e ao rez do chão, e tem de comprimento 32 metros, e 18 de largura. Por quanto só tem a luz que lhe vem de cima, como já dissemos, é em certas estações escura e humida, e em todo o anno lhe falta o ar. Cada uma das faces é ornada com tres grandes quadros, em *grisalha*, representando as quatro partes do mundo, as principaes cidades de França, allegoricamente figuradas, e os attributos do genero de commercio e industria que lhes são proprios. No fundo, para o lado do nascente, está a salla dos corretores; por cima está a sala do Tribunal do Commercio, para onde se sóbe por uma larga escadaria, que tambem conduz a uma galeria magnifeca, que

domina toda a sala grande. É desta galeria que o espectador curioso pôde presenciar o extraordinario movimento, e grandissimo ruido, de que a grande sala é o theatro, á hora em que os negociantes e os especuladores de fundos estão reunidos, e se occupam de transacções mil. O espectador não comprehende como no meio da confusão que observa, se possam fazer com pausa e reflexão operações melindrosas e de summo alcance na vida commercial e industrial; e, comtudo, em um só minuto, quantos milhões não circulam, quantos homens habeis ou felizes se enriquecem, quantas familias se arruinam!

Esqueceu-me dizer que no friso do peristylo, por cima da entrada principal, lè-se a inscripção que a nossa estampa reproduz: *Bourse et Tribunal de Commerce* (Praça e Tribunal do Commercio.) Nos quatro angulos do envasamento do edificio ha quatro estatuas, assentadas; para o lado da praça, a *Justiça consular*, por M. Duret, e o *Commercio*, por M. Dumont; para o lado da rua de Nossa Senhora das Victorias, a *Agricultura*, por M. Seurre, e a *Industria*, por M. Pradier. Esta ultima é notavel pela delicadeza e suavidade das linhas, e é devida ao habil pincel do insigne esculptor Pradier, do qual demos noticia e apresentamos o retrato no n.º 25 deste semanario do corrente anno de 1867.

NICOLÃO MACHIAVEL

Estudo litterario, moral e politico

Questo è il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Vide 2.º vol. pag. 398)

V

Vimos hoje dar noticia de uma obra de Machiavel, que é um primor de estilo e de linguagem, a *Vida de Castruccio Castracani*. (1)

Artaud considera esta producção como sendo um modelo de concisão, de força, de perspicuidade. Dir-se-hia que Machiavel quiz provar a mão, e como que preludiar as suas historias florentinas; de sorte que muito lucrariam em traduzir a *Vida de Castruccio* as pessoas que pretendem estudar a lingua italiana. (2)

Se, porém, a *Vida de Castruccio* se recommenda pelo estilo e pela dicção, é certo que lhe falta o valor historico, pois que Machiavel não diligenciou haver noticias exactas a respeito do seu heroe, e mais compoz uma novella, do que uma biographia authentica.

A substancia dos acontecimentos é verdadeira; mas o Secretario Florentino inventou muitos incidentes e episodios, e aproveitou aquelle quadro para discorrer, á sua vontade, sobre as cousas da guerra, da politica, e da philosophia moral.

O principe de Lucca foi o mais eminente dos chefes italianos na primeira metade do seculo XIV; e Machiavel poderia apresentar um trabalho excellentes, de valor historico real, se paciente indagasse os factos, e empregasse depois a profundidade do seu grande juizo na apreciação das acções de Castruccio. Mas quê! em vez de indagar diligente e escrupuloso a realidade dos factos, obedeceu á tentação de crear uma obra de phantasia, na qual predominam as feições romanticas.

Em Castruccio encontrava Machiavel algumas qualidades distinctas, que tornaram o seu heroe digno de louvor e de admiração; ao passo que encontraria tambem nelle detestaveis exemplos de perfidia, de deslealdade, e de vingança, que apresentam o principe de Lucca, como sendo um tyrano cruel e sanguinario.

O que mais desagradavelmente impressiona o leitor, na *Vida de Castruccio Castracani*, é a indiferença, a impassibilidade, com que o historiador narra as perfidias d'aquelle principe. Por quanto o Secretario Florentino, nem se indigna, nem se entristece quando refere atrocidades; a illusão faz crer por instantes que estamos ouvindo acções ordinarias de um homem bem inclinado, senão de todo ponto virtuoso e exemplar.

Vejamos se este juizo critico é bem fundado.

Havia em Lucca uma familia poderosa, por nome Di Poggio, a qual concorrera para engrandecer Castruccio e fazel o Principe. Esta familia, não se julgando bastantemente remunerada, ligou-se com outra, e tratou de revolucionar a cidade e expulsar Castruccio. Estava este ausente

de Lucca, quando os conspiradores, depois de terem assassinado o seu Logar-Tenente, começaram a sublevar o povo. Neste meio tempo, porém, Stefano di Poggio, homem prudente e de grande influencia, diligenciou e conseguiu serenar os animos, e restabelecer a ordem; e apenas Castruccio esteve de volta, foi supplicar-lhe perdão para os mancebos estonteados que haviam entrado na conspiração, e fez valer o relevante serviço que elle proprio acabava de fazer, e as obrigações que á familia de Poggio devia Castruccio. Este agradeceu a Stefano a sua lealdade e bons officios, disse-lhe palavras consoladoras, prometeu cabal perdão, e convidou-o a que mandasse vir todos os que entraram no alvoroço, mostrando-se muito alegre, porque Deos lhe proporcionava a occasião de patentear a sua clemencia e liberalidade. Vieram com effeito á sua presença aquelles infelizes, confiados na palavra de Castruccio; mas este monstro de perfidia e deslealdade, manda-os immediatamente prender e matar, não escapando, nem sequer o proprio Stefano di Poggio!

¿ Quereis ver o modo por que Machiavel se exprime? — Depois de narrar, muito a sangue frio, as scenas da sublevação, e o bello feito de Stefano di Poggio, diz assim:

— «Stefano di Poggio, parendoli che Castruccio dovesse havere obbligo seco, l'andò à trovare, & non pregò per se, perche giudicava non havere di bisogno, ma per gli altri di casa, pregandolo che condonasse molte cose alla giovinezza, molte alla antica amicitia & obbligo che quello haveva con la loro casa. Alquale Castruccio rispose gratamente, & lo confortò à stare di buono animo, mostrandogli havere più caro havere trovato posati i timulti, che non haveva havuto per male la mossa di quelli; & confortò Stefano à farli venire tutti à lui, dicendo che ringratiava Dio di havere havuto occasione di dimostrare la sua clemenza & liberalità. Venuti adunque sotto la fede di Stefano & di Castruccio, furono insieme con Stefano imprigionati & morti.» —

E passando logo a tratar de outros factos, não solta Machiavel uma só palavra de indignação contra o procedimento cobarde e desleal de Castruccio!

Ainda outro exemplo.

Depois de Castruccio firmar bem a sua authoridade em Lucca, cuidou logo em estender a sua dominação, e n'esse sentido diligenciou apoderar-se de Pistoia. Estava naquella época a cidade de Pistoia dividida em dous bandos, o dos *Bianchi*, e o dos *Neri*, tendo os primeiros á sua frente Bastiano di Possente, e os segundos Jacopo da Gia. Os dous bandos pegaram em armas, um contra o outro, fazendo-se forte Jacopo na *Porta Fiorentina*, e Bastiano na *Lucchese*. Ambos estes caudilhos estavam em correspondencia com Castruccio, e ambos, sem saberem um do outro, lhe mandaram mensageiros secretos, pedindo-lhe socorro. Castruccio fez a ambos as mais lisongeiras e esperançosas promessas, mandando dizer a Jacopo que iria defendel-o em pessoa, e a Bastiano que mandaria em seu auxilio Pagolo Guinigi. Tendo feito estas promessas fementidas, concertou com Pagolo um plano infernal. Marcharia Pagolo para Pistoia pela estrada de Pescia, em quanto que Castruccio iria em direitura a Pistoia, devendo cada um d'elles entrar na cidade, por diversa

(1) *La Vita di Castruccio Castracani da Lucca*. — Esta obra é offerecida a Zanobi Buondelmonti, e a Luigi Alamanni, amigos de Machiavel — *suoi amicissimi*.

(2) *Machiavel, son génie et ses œuvres*, tomo 2.º, pag. 51 e 55. Veja tambem Ginguéné — *Histoire Littéraire d'Italie* — tomo 6.º, pag. 178 a 181.

porta, á meia noute em ponto. O plano foi executado pontualmente: á meia noute estavam ambos em Pistoia, sendo cada um delles recebido como amigo pelo respectivo caudilho. Quando a Castruccio pareceu opportuno, fez signal a Pagolo; súbito são assassinados Jacopo e Bastiano; os sequazes de cada um destes são feitos prisioneiros, e a maior parte mortos. Facil foi então a Castruccio apoderar-se de Pistoia; e com effeito, não tardou em trazer á obediencia o povo, perdoando-lhe as dividas antigas, e fazendo-lhe promessas e dadivas.

¿ Vistes jámais uma traição tão negra, uma deslealdade tão vil e infame, como esta? — Pois bem; vêde agora a impassibilidade de Machiavel, ao narrar as *gentilezas* do seu heroe:

— « .. & Castruccio l'uno & à l'altro li promette, dicendo à Jacopo che verrebbe in persona, & à Bastiano che manderebbe Pagolo Guinigi suo allievo. Et dato loro il tempo à punto, mādò Pagolo per la via di Pescia. & esso à dirittura se n'andò à Pistoia, & in sù la mezza notte, che cosi erano convenuti Castruccio & Pagolo, ciascuno fù à Pistoia, & l'uno & l'altro fù ricevuto come amico. Tanto che entrati dentro, quādo parve à Castruccio fece il cenno à Pagolo, doppò il quale l'uno uccise Jacopo da Gia, & l'altro Bastiano di Possente, & tutti gli altri loro partigiani furono parte presi, & parte morti, & corso senza altre oppositioni Pistoia per loro; & tratta la signoria di palaggio, cōstrinse Castruccio il popolo à darli ubidienza, facendo à quello molte rimissioni di debiti vecchi, & molte offerte, & cosi fece à tuto il cōtado, il quale era corso in buona parte à vedere il nuovo Principe; tale che ognuno ripieno di speranza, mosso in buona parte dalle virtù sue, si quietò. »—

E al não disse; que passa immediatamente a contar outras cousas: Occorre in questi tempi che il popol di Roma cominciò à tumultuare per il vivere caro, etc. E nem uma palavra de censura, nem uma observação philosophica, tendente a lançar o stigma sobre a fealdade da traição, sobre o negrume da deslealdade!

— E comtudo... que thesouro de dieção, que admiravel modelo de estilo não se encontra n'esta producção de Machiavel!

Constituirei juizes os meus leitores, apresentando-lhes um breve excerpto no bellissimo idioma toscano; e por quanto uma ou outra pessoa possa carecer do subsidio da traducção, lançarei primeiramente um imperfeito rascunho em portuguez, para mais cabal intelligencia do original.

Depois de Machiavel contar que a familia Castracani era uma das principaes de Lucca, refere que dessa familia nasceu Messer Antonio Castracani, Conego da Sé de S. Miguel da mesma cidade, o qual, tendo uma irmã, a casára com Buonaccorso Cenami; e logo prosegue d'este modo:

Tendo morrido Buonaccorso, viu-se a viuva obrigada a ir viver em companhia de seu irmão, e maiormente porque estava resolvida a não passar a segundas nupcias. Tinha Antonio, contigua á sua habitação uma vinha, na qual mui facilmente se podia penetrar por todos os lados, por que confinava com muitas hortas. Succedeu que a senhora Dianora (assim se chamava a irmã do conejo), tendo um dia, pouco depois de romper o sol, ido á vinha, e andando a colher com todo

o vagar algumas plantas para adubo de guisados, como é estilo de donas de casa, sentisse um leve sussurro entre as folhas das videiras. Virando se para aquelle sitio, pareceu-lhe que ouvia gemidos; e fitando bem os olhos no local, viu as mãos e a cara de uma creancinha, que involta nas folhas dava ares de implorar soccorro. Possuida de espanto e de compaixão, tomou a creancinha, levou-a para casa, e depois de a bem lavar e vestir, apresentou a a Messer Antonio. Este ultimo, tão maravilhado e enternecido como sua irmã, conveiu com ella em conservar a creancinha e cuidar da sua criação e educação; e assim, mandando vir uma ama, trataram o filho adoptivo com extremos de afeição; e fazendo-o baptisar, lhe puzeram o nome do pae delles — Castruccio.

Tal é o sentido do bellissimo original que ides ler:

— «Ma sendo Buonaccorso morto, e essa rimasta vedova, si ridusse à stare col fratello, con animo di non piu rimaritarsi. Haveva Messer Antonio dietro à la casa che egli habitava una vigna, in la quale, per havere à confini di molti horti, da molte parti e senza molta difficultá si poteva entrare. Occorre ch'andando una mattina poco poi levata di sole Madonna Dianora (che cosi si chiamava la sirocchia di Messer Antonio) à spasso per la vigna, cogliendo (secondo il costume delle donne) certe herbe per farne certi suoi condimenti, senti frasceggiari sono una vita tra i pampini, & rivolti verso quella parte li occhi, senti come piangere. Onde che tiratasi verso quello romore, scoperse le mani & il viso d'uno bambino, che rinvolto nelle foglie pareva che aiuto le domandasse. Tal che essa, parte meravigliata, parte sbigorrita, ripiena di compassione & di stupore lo ricolse, & portato à casa, & lavatolo, & rinvolto in panni bianchi, come si costuma, lo presentò alla tornata in casa a Messer Antonio. Il quale, udendo il caso, & vedendo il faucuello, non meno si riempì di meraviglia & di pietade, che si fusse ripiena la donna. E consigliatisi tra loro quale partito dovessero pigliare, deliberarono allevarlo, sendo esso prete, & quella non havendo figliuoli. Presa adunque in casa una nutrice, con quello amore che se loro figliuolo fusse, lo nutrirono. Et havendolo fatto battezzare, per il nome di Castruccio loro padre lo nominarono. »—

Tal é a origem um tanto romantica, do heroe de Machiavel, tão poeticamente descripta, tão graciosamente desenhada.

— Não remataremos esta breve noticia, sem registrar aqui alguns ditos que Machiavel *attribue* a Castruccio; os quaes revelam por certo uma certa grandeza de espirito, e um grande fundo de bom senso.

Passando Castruccio por uma rua, viu sair da casa de uma meretriz um mancebo de boa familia; e mostrando-se este muito envergonhado, lhe disse Castruccio: = Devéras antes envergonhar-te á entrada, do que-á sahida! = (*Non ti vergognare quando tu n'esci, ma quando tu n'entri*).

A um *parasita* que o importunava, abonando-se de philosopho, disse Castruccio: = Vós outros sois como os cães, que se chegam sempre a quem lhes dá de comer! = A réplica do intitulado philosopho não foi menos engenhosa: = Antes nos parecemos mais com os medicos, porque fre-

quentamos as casas daquelles que mais nos precisam. = (*Anzi sigmo come i medici, che andiamo a casa di coloro che di noi hanno maggior bisogno*).

Vangloriando-se alguém de haver lido muito, respondeu-lhe Castruccio: = Melhor fôra ter conservado na mente o que lestes. = (*Et saré meglio gloriari di haverne tenute a mente assai*).

Gabava-se um de que bebia muito, sem jámais se embriagar, e Castruccio acudiu dizendo: = O mesmo succede a um boi. = (*E' fa cotesto medesimo uno bue*).

Chegou-se a Castruccio um pretendente, o qual, em vez de empregar um laconismo discreto, alongou-se em estirada pratica, e o inundou com uma alluvião de palavras: = Para a outra vez, lhe disse, manda outrem a pedir por ti. = (*Quando tu vuoi più cosa alcuna da me, manda un altro*).

Estava sorrindo-se um invejoso; e Castruccio lhe perguntou. = Tiveste alguma boa fortuna, ou succedeu alguma desgraça a alguém? = (*Ridi tu perche tu hai bene, è perche un altro ha male?*)

Dizia Castruccio que lhe causava admiração, que os homens, quando compram algum vaso de barro ou de vidro, o tocam primeiro, para saberem se está bom; ao passo que, para escolherem esposa se contentam em olhar para ella. = (*Diceva maravigliarsi delli huomini, che quando ei comperano un vaso di terra è di vetro, lo suonano prima, per vedere si è buono, è poi nel torre moglie erano solo contenti di vederla*).

Passando junto de uma casa pequena, que tinha uma porta grande, disse: = Esta casa corre o risco de fugir pela porta. = (*Quella casa si fugirà per quella porta*).

Estes e outros ditos agudos fariam muita honra ao engenho de Castruccio, se pela maior parte não se encontrassem já em Diogenes-Laercio e em outros escriptores antigos.

— No artigo immediato havemos de fallar de uma bellissima obra de Machiavel, o tratado da arte da guerra (*Dell'arte della guerra*).

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

ANOTAÇÕES DE ALGUMAS PASSAGENS DOS NOSSOS CLASSICOS

IV

(Garcia de Resende. Chronica de Dom João Segundo. Cap. C.)

TEXTOS

«Em Lisboa, no Limoeiro, estava preso um homem estrangeiro muito rico, e estava julgado á morte: concertou-se com o carcereiro, que se chamava João Baço, e por seu consentimento se fez muito doente, e confessado, e feito seus autos, fez que morria. Vieram homens por elle em uma tumba, e o levaram a enterrar, indo vivo, e são, e da igreja fugiu, e se salvou, e o carcereiro se poz em salvo. (1)

«Quando o el-rei (D. João II) soube, houve dis-so desprazer, e mandou pôr tanta diligencia, que houve o carcereiro á mão; e desejando muito de o-castigar, quiz estar, ao julgar do seu feito, com certos desembargadores, os quaes foram diferentes nos votos, tantos de uma parte, como da outra. Que uns o-julgaram á morte, e outros o remettiam ás ordens, e disseram a el-rei: (2)

« — Senhor, agora fica o feito em vossa alteza sómente, pera o-castigar como quizer. (3)

«Elle ficou um pouco cuidadoso sem falar, como homem a que pesára muito com isso, e disse: (4)

« = Eu certo desejava muito castigar este homem, por o caso que fez ser feio; porém pois sois tantos a uma parte, como a outra, a rei não pertence senão ir á parte da clemencia, e dar a vida, e eu sam em lh'a-dar, e dou a isso meu voto, desejando muito o contrario. = » (5)

ANOTAÇÕES

Esta passagem da Chronica de D. João II poderia intitular-se com bastante propriedade: *A Justiça, cedendo o passo á Clemencia*; se bem que, muito a seu pesar, se inclinou el-rei á clemencia, quando, como acabamos de ver, disse: *e dou a isso meu voto, desejando muito o contrario*.

Se alguma qualificação moral, e politica, é adequada a D. João II, mais o será a de — *Inexoravel* —, do que a de — *Clemente* —. No entanto, o facto é que no presente caso exercitou o severo monarcha a mais formosa prerogativa dos reis, qual é a de conceder perdão.

Deixemos, porém, este genero de considerações, e passemos ao exame litterario do excerpto.

(1) «*Estava preso um homem estrangeiro muito rico, e estava julgado á morte.*»

Poderia o Chronista ter evitado a repetição desagradavel do — *estava* —, se no seguinte periodo houvesse dito: *que tinha sido condemnado á morte.*

«... e por seu consentimento *se fez* muito doente, e confessado, e *feito* seus autos, *fez* que morria.»

A oração ficava por certo muito mais bem tecida, se o Chronista dissesse: *Concertando-se com o carcereiro, fingio que estava em perigo de vida: confessou-se e sacramentou-se, e apparentou que morria.*

«Vieram homens por elle em uma tumba, e o levaram a enterrar.»

Dir-se-hia que *vieram* homens em uma tumba para o levarem a enterrar; quando aliás trouxeram uma tumba, para meterem nella o supposto cadaver, afim de o irem enterrar. — Se o — *vieram* homens por elle — tem uma certa graça elyptica, nem por isso um tal idiotismo tem força para dissimular o absurdo que notámos.

(2) «Quando o el-rei soube, *houve* dis-so desprazer, e mandou pôr tanta diligencia, que *houve* o carcereiro á mão.»

Dêmos a esta phrase uma feição moderna, afferida pela grammatica philosophica, e veremos o quanto de descuido padeceu Garcia de Resende: = Quando a el-rei constou aquelle acontecimento, desgostou-se muito, e tão apertadas diligencias mandou fazer para capturar o carcereiro, que afinal logrou havê-lo á mão. =

E agora fica bem evidenciado o desalinho da phrase do Chronista, nos logares que assinalámos.

(3) «Senhor, agora fica o feito em vossa alteza sómente, pera o castigar como quizer.»

Não posso negar que tem este modo de dizer uma certa graça; mas tambem é certo que não exprime o pensamento com a conveniente lucidez.

Ainda pondo o fito na concisão, poderíamos dizer tão brevemente como o chronista: *Agora, senhor, cabe a vossa alteza julgar o feito como lhe approuver.* — E por este modo evita-se o absurdo de dizer que el-rei havia de *castigar o feito*, quando aliás o castigo havia de recair *na pessoa do carce-*

reiro, e não no feito, que essencialmente é objecto de julgamento.

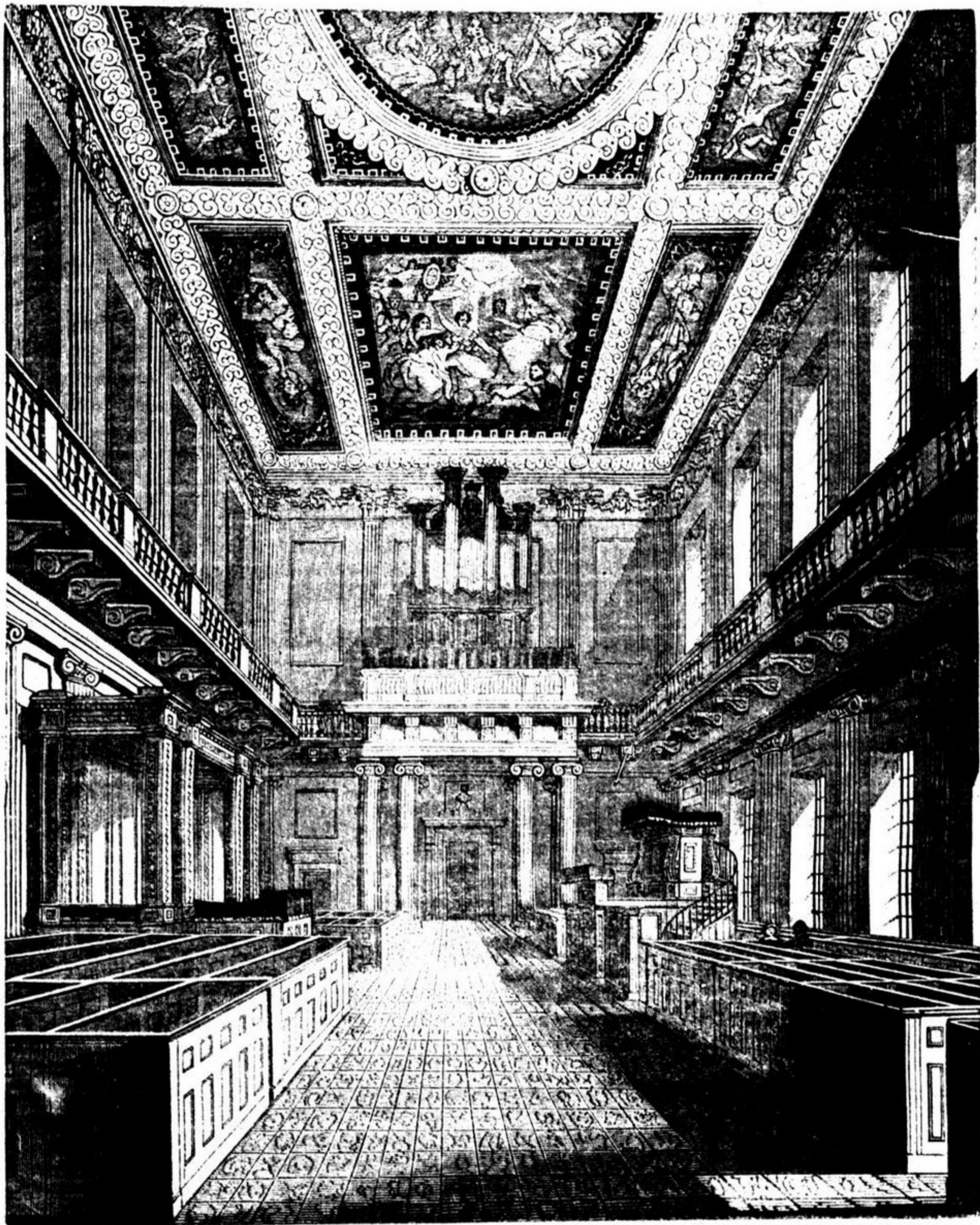
(4) «Elle ficou um pouco cuidadoso sem fallar.» Graciosa expressão! Nem desmerece em graça o complemento de comparação que se lhe segue: «Como homem a que (a quem) pesára muito isso.»

(5) O ar de ancianidade que tem esta resposta do soberano, a ingenuidade da expressão, a singela e desaffectedada deducção das rasões, que

observo no periodo a que se refere esta nota' inspiram-me interesse e um certo enlevo.

— Aos leitores que se sentirem dispostos a estranhar as miudezas, a que descemos nestas anotações, pedimos que meditem na conveniencia de ler com pausada reflexão os escriptos dos nossos classicos, afim de sómente aproveitarmos o que fôr são e ajustado.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.



Interior da real capella de Whitehall

A nossa estampa representa o interior magnifico da real capella de Whitehall, e deixa entrever as pinturas que no tecto fez o immortal pintor Rubens.

Whitehall tanto diz como *Salla Branca*, e designa o nome de uma parte do antigo palacio de Londres, que por muitos tempos servio de residencia aos reis de Inglaterra. Nelle residio Hen-

que VIII até á sua morte em 1548; nelle teve a sua luzida cõrte a rainha Isabel. James I o melhorou consideravelmente, e mandou construir a magestosa salla, denominada — *do Banquete* —, e muito notavel pela sua architectura. — Foi de Whitehall, que o infeliz Carlos I saio para o cadafalso alevantado defronte do mesmo palacio, no dia 30 de janeiro de 1649.

Como dissemos já, foi o famoso e eximio pintor Pedro Paulo *Rubens*, do qual as cidades de Anvers e de Colonia disputam a honra de lhe terem dado nascimento, quem pintou o tecto da capella. Encontrando em nosso caminho este grande vulto, não podemos prescindir de dizer que este talentoso homem passou uma vida de principe, desde que o seu nome se tornou illustre na pintura; viajou em toda a Europa; foi encarregado de missões diplomaticas; fallava perfeitamente umas poucas de linguas, nada menos que o flamengo, o inglez, o allemão, o francez, o italiano, o hespanhol e o latim; e, como pintor, deixou testemunhos do seu genio e fecundo trabalho, nos quadros que ornam todas as galerias do mundo.

Foi em 1629 que Rubens concluiu o trabalho da primorosa pintura do tecto da capella real de Whitehall, — trabalho admiravel, em remuneração do qual lhe deu Carlos I a quantia de tres mil libras. Refere-se tambem que o mesmo soberano lhe deu as honras de cavalleiro, permitindo-lhe que ao seu brasão de armas acrescentasse um leão; em pleno parlamento lhe offereceu a sua propria espada; fez-lhe presente de um brilhante que trazia cravado em um anel, e um collar de ouro enriquecido de diamantes.

UMA VELHA DE VINTE ANNOS

(Continuado de pag. 7)

III

O leitor está de certo impaciente por saber como eu phantasiei, em casa baixa, de portas desconjunctadas, n'uma rua revestida de estevas e matagaes por calçada, no meio de uma aldéa melancolica e erma talvez, um baile esplendido e festivo, onde faltava em seda e pedrarias o que havia em risos e flores. Eu condoo-me da curiosidade do leitor... e passo adiante.

Durante o intervallo da contradança, acabada a polka que se lhe seguiu, não foi mais possivel conversar com o meu amigo. Entrára como indifferente na multidão, seguira indifferente a onda dos passeantes, dirigira phrases tão affaveis quanto indifferentes tambem a varias senhoras, e todos n'elle continuaram a reconhecer o homem frio e sem affeições, que passa no mundo, satisfeito da vida, concentrado em si, e separado de todos os outros pela barreira de bronze da indifferença. Ninguém o estimava nem aborrecia por isso, todos o queriam como um homem sociavel e que sabia agradar, e pessoa alguma se cançava em esmerilhar lá no fundo o que havia de bom ou de máo n'aquelle espirito.

Eu por mim ficára-me sósinho a scismar n'aquella ultima phrase do meu amigo. *Uma velha*

de vinte annos! Aquellas palavras careciam de explicação. Deus impoz attribuições differentes ás edades, como ás phases do dia ou ás estações do anno, e o envelhecimento precoce ou a serodia juventude são taes n onstruosidades, que, quando contrafeitas para illudir o mundo, não chegam mais do que a estimular o ridiculo.

O caso aqui porém era outro. Velhos a quere-se parecer meninos tão vulgar é nos dois sexos e tanto os verbera quotidianamente o escarneo, que nem merecem menção especial; tambem creanças a quererem ostentar em postica máscara as rugas da velhice, illudindo o mundo a titulo de fundos soffrimentos que tão cedo lhes fizeram murchar as flores da mocidade, é pecha demasiado vulgar no seculo corrente e que por tantas vezes nos faz rir.

Mas aquella menina nem vinte annos mostrava ter na aberta alacridade da sua physionomia, risonha como a rosa que desabrocha, festiva como a borboleta que doudeja, harmoniosa no complexo das suas graças como o gorgeio do rouxinol sobre o salgueiral, debruçado á borda do rio crystalino que geme entre seixinhos. Não havia alli nada que não fosse a naturalidade franca e despertenciosa, despida da ostentação de illudir e das loucas pretensões de simular imaginarios soffrimentos. O meu amigo illudira-se de certo e aquelles sorrisos de piedade que me lançou haviam decididamente sido muito mal empregados!

Estava eu já seguro e firme n'esta minha convicção, quando a orchestra, infatigavel e vigilante como Argos... dispondo de mais braços, para se revezarem nas fadigas, do que o gigante Briaréu... a orchestra, cuja actividade só poderia comparar-se... á dos dançadores, tocou de novo os preludios de outra polka; e o meu amigo, — desembaraçado da multidão que corria a tirar pares, respeitando agora os sessenta annos, os rheumatismos, enxaquecas e mais achaques para que a contradança fôra inexoravel, — veiu de novo ter comigo,

Não era já possivel passeiar-se na sala, porque a vertigem da polka não conhecia limites, nem havia recanto ou nesga da casa que não fôsse invadida pelo rodopio doudejante dos dançadores: então Manoel, erguendo a aldraba da porta, conduziu-me para a rua, offerecendo-me um charuto e acendendo elle proprio o seu.

Estava retincto de azul o ceu. As estrellas parece que profiavam entre si qual havia de derramar mais luz para fazer esquecer aos mortaes as doçuras de uma noite de luar. Era agradável a temperatura, refrescada por uma ligeira brisa e embalsamada por todos quantos perfumes os campos e os arvoredos costumam misturar no thuribulo immenso do mundo para insensarem o Creador. Aquelle silencio augusto que tem a noite, longe dos grandes povoados, experimentava-se alli, cortado apenas pelos amortecidos ruidos que vinham da sala do baile, pelo cantar monotono e triste dos ralos e das cigarras e pelo longiquo balar dos rebanhos, que a viração trazia ás vezes de envolta com o cicio magestoso de uma floresta gigante.

Alli ao pé havia um assento improvisado com tres pedras toscas, que offerecia soffrivel grau de commodidade a dois conversadores. Fomos occupal-o. Eu deliciava-me enviando aos ares as

ondulações pardo-azuladas do fumo do meu charuto, esperando ouvir um conto phantastico ao meu amigo ácerca da *velha de vinte annos*. No enlevamento de tal beatitude só me impressionava o receio de que alguma fagulha do lume, que tanto me deliciava, caindo no chão, incendiasse a... calçada e me tornasse o Nero d'aquella pequenina Roma.

— Não tenhas medo, me disse Manoel, que adivinhára os meus sustos no cuidado com que eu tratava de apagar com a ponta do pé ou com a saliva a menor porção de cinza mal apagada que me caía. Isto não arde!

E dizendo, atirou desdenhosamente a ponta do seu charuto depois de haver acendido outro.

O caso é que a povoação não ardeu.

Emquanto eu me occupava todo d'esta futilidade incendiaria, de que a minha ignorancia estava temerosa, Manoel concentrava-se em si, como quem carece de um grande esforço para colher alento de fazer uma revelação, até alli occulta sempre nos seio d'alma. É que os segredos do coração tem tambem a sua virgindade, cuja perda nos faz hesitar e nos dóe devéras embora a confiemos ao mais dedicado amigo.

— Sabes que amo aquella mulher? disse elle emfim com um tom arrebatado, como vencendo de um impeto a dificuldade.

— Qual? a *velha dos vinte annos*? repliquei eu, esforçando-me por sorrir.

— Sim!

— Pois quem o vir não o ha de dizer.

— Vou-te parecer ridiculo talvez mas não importa. És meu amigo e sabes compreender-me, porque tambem já tens soffrido. O mundo porém é ignorante e insolente e eu não quereria parecer ridiculo diante d'elle, por isso não lhe revelaria nunca os meus sentimentos.

— Tens razão.

— Dizem que sou frio e indifferente a todos e a tudo, e eu tenho alma para sentir; dizem que sou sceptico, e até não sei quem já me accusou de cynico, pois tenho crenças, meu amigo, e tão fundas, tão puras e tão verdadeiras, que o mundo ou as não saberia compreender ou se riria d'ellas. Recalcaram-me os affectos... esmagaram-me as affeições, por isso fiquei inerte e concentrado. Sou como um vulcão extinto; se o fogo ruge ainda cá dentro, a cratera está fria e sem lavas. Do meu passado só me resta uma coisa. É a confiança que depuz em ti. Conheces-me de ha muito... de uma época mais calamitosa da minha vida, quando a fome quasi me roçava no estomago com a aza negra. Amparaste me então não com a esmola que envergonha quem a recebe, mas com a valiosa dadiwa do conselho e do exemplo, porque tu havias tambem soffrido já. Buscáramos ambos uma carreira. Tu estás medico, eu ultimei uma formatura em direito, peia que me prende para empregos que possam deslustrar esta futil posição, acobertada com o pomposo titulo de bacharel, mas que me não supre as necessidades da vida. Soffro tambem por este lado, mas não vou segredar aos indifferentes as dores que me roem a alma. Para elles passo por um homem feliz e os esforços todos da minha constante sollicitude têm sido não me desarmar nunca da coiraça impenetravel do indifferntismo de que me tenho revestido. Ninguem attenta nem repara em mim, ninguem me pergunta

d'onde venho nem para onde vou. Mas se eu um dia amasse, se mostrasse ao mundo impiedoso que amava uma mulher que tantos ditosos cortejam e requestam, o mundo não me pouparia... e não houvera ridiculo nem miseria que não fôsse esmiuçar na minha vida intima para com elle me verberar as faces.

— Mas, sendo feliz nos teus amores, tornas-te superior ao mundo e és tu que tens o direito de te rires d'elle, repliquei eu ao meu amigo, para lhe cortar o fio d'aquella Jeremiada intima.

— Ah! é que está a historia da *velha dos vinte annos*. Tem paciencia de me ouvires, e de avaliares o que soffro. Olha, quando contamos as nossas magoas aos indifferentes, ou ainda aos amigos sem coração é o mesmo que se o dissessemos ás concavidades de um rochedo, que quando muito nos responderia n'um écco, sem expressão e sem interesse. Um amigo que sente não é assim, é com o espelho parabolico, que concentra os graos do calor e nol-os envia em consolações á alma.

— Os amigos que sentem tem então a obrigação de soffrer por si e pelos outros.

— É o triste attributo da sensibilidade; mas felizes os que sabem derramar este balsamo sobre as feridas dos outros. Tu, que tens exposto já a tua vida pela vida dos teus semelhantes, comprehendes bem a abnegação d'este procedimento e louvas de certo a Deus por poderes ser tambem ás vezes medico da alma.

— Louco! repliquei eu com uma expressão, de que seria facil adivinhar o sentido.

N'este momento ouviu-se grande algazarra do lado da casa do baile e um tropel de mancebos exclamava:

— Não escapa ninguem, agora não escapa ninguem.

Confesso que, apesar da minha intrepidez, me assustei então! Lembrou-me de alguma hecatombe em que houvessemos de ser immolados todos aos duendes feiticeiros, que tinham disposto aquelle baile phantastico, entre os ermos da aldeiasinha solitaria.

— Não escapa ninguem agora, bradava mais phrenetica a multidão, acercando-se de nós. Todos para a roda.

De novo estremeci, receioso que trasgos malevolos nos quizessem lacerar os membros na tortura da roda... ou que, creanças adultas, nos condemnassem a sermos todos... engeitados.

— Agora são as danças de roda, bradou a multidão ao pé de nós.

De pasmado e corrido do meu panico, soltei uma estrepitosa gargalhada, que espantou o meu amigo, conhecedor já da tentativa, que contra a sua segurança individual vinham fazer os amadores de Terpsichose.

— Nós não dançamos, replicou Manoel como quem se defende frouxamente, perdida a esperanza de escapar ao perigo inevitavel.

— Qual historia, agora dança tudo! até a D. Perpetua, que tem mais annos que a Sé Velha, já está no meio da casa.

— Mas estamos de botas de caça.

— Andam lá muitos assim; nas danças de roda admitte-se tudo.

Foram baldadas todas as razões que apresentámos. Cinco minutos depois faziamos parte de uma dança de roda, que a sympathica velhinha animava, cantando com a sua voz meiga, fraca

e harmoniosa como o vagido infantil, ou como a ultima nota de organo modesto em presbyterio de aldeia.

(Continua)

C. B.

NOMES DAS SENHORAS PORTUGUEZAS NOS PRIMEIROS TEMPOS DE NOSSA MONARCHIA

Assim como os nossos usos e costumes fazem uma differença espantosa do que eram nos referidos tempos, assim tambem poucos dos nossos actuaes nomes proprios de senhoras estavam então em voga. O nome de Maria, tão corriqueiro hoje, não era então muito vulgar, e nomes taes como Carlota, Isaura, Amelia, Elosinda, etc., não os tenho encontrado nos escriptores d'aquelle tempo. Nomes vulgarissimos eram os que se seguem, e de todos os quaes temos exemplos no Livro das Linhagens.

Alda Gomez — Alda Martins Curutelo — Aldara Anes — Bea de Pamplona — Beringueira Vasquez — Branca Peres — Beringueira Affonso de Bazão — Chamôa Gomes — Constança Gomes Galhinata — Domingas Martins — Dordia Affonso — Dordia Reimondo — Delgradelin — Dorgia Veegas — Estevainha Pires — Examea Paes — Elvira Pincoia — Ermesenda Rodrigues — Froilhe Veegas — Gueda Gomez — Gontinha Soares — Gueda Soares — Goda Soares — Goldora Goldares de Refeiteira — Gontinha Soares Carnesmas — Gontrode Fernandes — Goia Mendes — Gontrode Moniz — Garcia Fernandes Portugal — Hermegonça Soares — Leoguinda Soares — Leogunda Soares — Maior (nome vulgarissimo) Maior Pires Velha — Mór Paes Ervilhõa — Milia Fernandes — Marquesa Gil — Mecia Rodrigues Giroa — Maria Acha — Malespina — Moranes — Mariaachanes Maceira — Meniha Froiaz — Ouroana Mendes — Ortigueira — Orraca Peres — Senhorinha Fernandes Chancinha — Sancha Fernandes Delgadilha — Sancha Gil de Jola — Sancha Fernandes Meminha — Sanchaanes — Sancha Gualdefes — Stevainha Ermigie da Teixeira — Toda Palacim — Tareia Gil — Toda Lourenço de Gundar — Tareia Affonso Gata — Tareja Anes Baticela — Touquinegra — Toda Paes de Çagra — Tereja Gil de Sornos — Tareia Pires Gata — Urraca Vasques de Ambia — Urraca Sanches — Urraca Gomes Zagomba — Urraca Nunes Manteiga — Urraca Abril — Velasquida Pires — Vilante Ponço.

Quereis achar ainda d'estes nomes, percorrei os logarejos das nossas provincias do norte, e lá encontrareis tambem vestigios do antigo viver portuguez.

M. BERNARDES BRANCO.

FLORILEGIO CLASSICO

As boas qualidades dos cavallos arabes

Ainda que disse já da bondade de seus cavallos, não disse quanto he necessario para se fazer delles o conceito que merece. Primeiramente são muito bem feitos, altos & de poucas carnes: as ventas sempre cheas de vento, que continuamente estão assoprando. No correr são gamos: na mansidão são huns pomhos: no comer parcissimos; por que os costumão de pequenos a comer hua só vez entre dia & noite, & nessa hua pouca de sevada. Bebem cada dous dias; & mais esperão, se não achão agoa: são fortes, quanto se pôde colligir do que contarei do meu; o qual era

da comarca de Lasah, onde ha os de melhor raça: aturou-me vinte & tres dias de caminho por aquelle Deserto, comendo por onças, & bebendo por cada dous dias, & marchando dezanove horas entre dia & noite, com mais de seis arrobas em cima de si. Nunca quiz correr, que ao primeiro signal se não arremeçasse á carreira: nunca lhe toquei com espora, porque não era necessaria, nem por alli se usa; & mais não era dos melhores nas partes. O mesmo he ver hum daquelles cavallos correr outros, que elle quebrar as soltas por dar carreiras. Costumãonos a passar os rios a nado com os cavalleiros em cima; & andão já tão destros, que passão os Alarves rios precipitadissimos sem outras pontes. Outros estão ensinados a brigar com os cavallos dos inimigos; & e assi o mesmo he começarse a peleja, que elles fazerem seu dever com patas, & dentes. Nunca dormem debaixo de cuberta, senão ao sol, & chuva, presos por hum pé. Ha cavallo naquella Deserta, que cheira a agoa hua braça debaixo da terra, & cavando com as mãos faz signal ao cavalleiro, para que a descubra. Trazemnos ordinariamente todos vestidos de brel, abrindolhes sómente dous ilhós do tamanho dos olhos, & a largura da boca, por razão das moscas, & dos mosquitos, que são por alli tão crueis, que de hua picada tirão sãgue como se fosse sãgria.

(Viagem da India, que fez por terra para Portugal o P. Manoel Godinho. Cap. XVIII, pag. 108 e 109.)

METHODOS PARA LIMPAR QUADROS

Colloque-se o quadro horisontalmente e estenda-se-lhe em cima um panno branco, que o cubra, molhando-o continuamente com agua e deixe-se ficar sobre o quadro por espaço de doze horas, ou mais, se necessario fôr, até attrair a si toda a porcaria do quadro; depois deste processo esfregue-se com a cabeça de um dedo molhado em oleo de linhaça purificado ao sol.

Bata-se uma clara de ovo em ourina e esfregue-se com isto o quadro enxovalhado.

Depois de se ter tirado o pó ao quadro esfregue-se com uma esponja embebida em fel de boi: tirada por este modo toda a porcaria, lave-se com agua tepida, deixe-se seccar, e envernise-se com um bom verniz branco de Veneza.

MEIO DE CONSERVAR OSTRAS TODO O ANNO

Tirem-se as ostras das conchas e com ellas mais de metade da agua contida em cada concha; deitem-se n'uma caldeira com a porção da agua tirada e ponham-se ao lume para lhe extrair a agua que lhe restar. Depois deixem-se escorrer e ponham-se sobre uma grade conveniente de arame, faça-se lume por baixo para que as ostras recebam bem o fumo.

Logo que o fumo as tiver seccado e endurecido de um lado, voltem-se do outro, até que estejam bem seccas, e com uma côr dourada. Feito isto ponham-se a esfriar á sombra e guardem-se depois em lugar livre de toda a humidade.

Para comer estas ostras mettam-se por uma hora em agua fria, e depois lavem-se em outra agua, o que lhes faz perder todo o gosto do fumo, ficando em estado de se prepararem.